

De Representações Religiosas à Ordenação Do Espaço Social*

José Carlos dos Santos**

Neste texto, pretendemos ressaltar a importância das representações religiosas na modelação do espaço social, tendo em vista as relações entre cotidianidade e poder público, numa vila de camponeses, no Oeste do Paraná.

Campo Bonito foi formada, em sua maioria, por descendentes de imigrantes alemães e italianos que teriam vindo principalmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Ali se estabelecendo, reproduziram valores e hábitos próprios de suas regiões de origem, numa relação interativa com outros elementos culturais locais.

Um elemento fundamental da cultura imigrante que se sobrepõe aos demais parece ter sido a religiosidade. Segundo KREUTZ, "alemães e italianos já provinham do meio agrário europeu com uma cosmovisão sacral"¹. Dessa forma chama atenção a presença de fragmentos que lembram a relação com o Sagrado, tais como imagens, dizeres, ladainhas, promessas, que estão enraizados num imaginário recorrente na "passividade" da vida cotidiana.

** Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Toledo-PR - Facitol, em 1988. Especializado em Educação Popular pela Fundação Getúlio Vargas, em convênio com o IESAE/Unioeste, 1992. Ingressou no mestrado em 1994, sob a orientação dos professores doutores Joana Maria Pedro e Artur César Isaia.

¹ KREUTZ, Lúcio. *O Professor Paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre. ed. da UFRGS; Florianópolis, ed. da UFSC; Caxias do Sul, ed. EDUCS, 1991, p.85.

O local por excelência dessas expressões de conversação com o Sagrado é a Capela. Ela representa o marco fundamental de "construção" daquela comunidade em torno da qual se construíram outros espaços como a escola e o salão de festas.

"A capela assume cedo, um papel aglutinante da vizinhança, como local de culto, a que atende periodicamente o cura da área, e onde os fiéis se reúnem para rezar o rosário, as ladainhas e para outras devoções.(...)funciona como um centro de recreações e reunião no pavilhão em anexo à copa, em que alguns colonos se juntam à noite para conversar e jogar(...)"²

A presença da escola junto à capela tinha outra forte motivação, além de centro de socialização do saber, uma vez que a leitura e interpretação da palavra de Deus eram o centro da prática religiosa e pressupunham a escolarização.

Portanto, a vida religiosa assumia lugar de destaque no que diz respeito à delimitação das relações sociais, dado o seu poder de nominação da ordem social, criando possibilidades ao sujeito de situar-se subjetivamente naquele cotidiano que se definia, e objetivamente, normatizando as condutas da vida comunitária, possibilitando uma educação de si, ou seja, fornecendo elementos para que o sujeito transitasse num espaço com segurança, em relação aos hábitos, valores e instituições. A esse respeito, BERGER lembra que,

" sempre que o nomos socialmente estabelecido atinge a qualidade de ser aceito como expressão da evidência, ocorre uma fusão do seu sentido com os que são considerados os sentidos fundamentais inerentes ao universo. Nomos e cosmos aparecem como co-extensivos."³

Tendo assim caracterizado esse cenário, cabe pensarmos as formas de representações religiosas que institucionalizam e institui a vida cotidiana, num diálogo

² AZEVEDO, Theles de, *Italianos e Gaúchos*. Rio de Janeiro, ed. Cátedra, 1982, p.193.

³ BERGER, Peter L., *O Dossel Sagrado - Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo, Paulinas, 1985, p.37.

intrínseco com as estruturas econômico-sociais, e por ser nela que "o homem participa com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias."⁴ Estamos sugerindo que é nesse embate do viver e do sobreviver, do produzir e do reproduzir, que a vida verdadeiramente acontece. E mais do que isso: que a educação de si está, em última instância, delimitada pelo lugar que o sujeito ocupa na hierarquia da produção e das decisões.

Devido à importância da religiosidade local na formação histórica dessa comunidade camponesa, utilizamos, como recorte do entrelaçamento da constituição desse social, a descrição de uma celebração, por nela aparecer a "substância" da cotidianidade e por se "estabelecer uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores"⁵. Nessa ritualização, que descreveremos em três momentos, as representações fluem ora naturalizando o espiritual nas relações humanas, ora espiritualizando a natureza ao nível do transcendente.

1 - No interior da igreja, estão imagens a recordar a Sagrada Família: São José, o carpinteiro e Nossa Senhora, a mãe imaculada. Os fiéis, enquanto aguardam o ritual do sacrifício, miram-nas; rezam o terço devotamente.

O comentarista lembra o texto bíblico, tema da reunião dominical anterior. Trata-se de Lucas 15,11: A Parábola do Filho Pródigo,"onde Deus através dela sobre a formação das novas gerações, alerta quanto às perdições do mundo moderno; o desafio às famílias verdadeiramente cristãs". Ressaltou ainda a "necessidade da obediência ao pai e aos Sacramentos como forma de chegar a Deus."

2 - Os cantos são momentos de exteriorização, do desvelar das angústias, paixões, sofrimentos. Conclamação coletiva onde a subjetividade da vida flui e se reanima."Cantar é um momento de libertar-se, de louvar a Deus, de esquecimento, de

⁴ HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Tr. C. N. Coutinho et L. Konder. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p.17.

⁵ Idem, p.19.

esvaziamento," diz uma fiel. Neste momento, há uma elevação de elementos da objetividade cotidiana ao "realíssimum", como ressalta o canto "escutamos tua voz", que destaca a "necessidade de ofertar nossas lutas e trabalhos para juntos nesse altar apresentar" e "pelo sacramento do batismo somos todos irmãos e que o Evangelho foi o livro onde aprendemos a servir e dar amor sem querer nada"⁶, realizando-se também por esse meio a conversação.

São momentos de "esvaziamento" onde há a participação efetiva da assembléia que deposita no altar as suas angústias, numa clara interlocução vertical com "aquele que tudo vê e perdoa".

3 - O momento central da celebração para a comunidade, além da consagração onde todos "visivelmente" testemunham a transubstanciação, é a leitura do Santo Evangelho e o sermão do santo homem. O Frei fez a leitura de Mateus 19,3-5: O Matrimônio Indissolúvel. O sinal especial de saudação à apresentação do Livro Sagrado, coloca a todos em estado de silêncio profundo e respeito devoto.

A interpretação do Sagrado Texto lembra a temática da Família: "O casamento é uma união do casal aprovado por Deus, iniciando aí a família; é através de uma família que Jesus veio ao mundo (...) ela nos ensina, através de Maria e José, a necessidade de sermos justos, a prática da caridade, da moralidade e do trabalho (...) a família cristã é o verdadeiro baluarte da nossa sociedade."

Enfim, a celebração é a ritualização das expectativas dos sujeitos que emergem da e para uma possível educação de si. É um momento sublime em que se tocam a razão temporal e a inteligência espiritual, imbricando-se em uma cadeia de representações discursivas. Nela se projetam e se realimentam a disciplina e a ordem, através da Ordem.

Nessas representações, a temática da família é o esboço sobre o qual se "fundem" natureza e espírito, fazendo com que a primeira não seja mais do que a mímese da segunda. Fala-se da perfeição, da virtuosidade, enfim, do projeto Divino para o homem,

⁶ Livro de Cantos "Louvemos o Senhor". Nº 17, Arquidiocese de Cascavel.

como que querendo acoplá-lo a um plano já pré-estabelecido. Queremos dizer que as representações do discurso religioso, numa relação vertical, aproxima o "caos" da organicidade à idéia de mímese da ordem celestial.

No entanto, essa é a família do cotidiano, isto é, aquela que se agrupa em torno de uma graduação hierárquica. HELLER lembra que "a heterogeneidade e a ordem hierárquica (que é condição de organicidade) da vida cotidiana coincidem no sentido de possibilitar uma explicitação 'normal' da produção e da reprodução (...)"⁷.

É necessário lembrar, contudo, que essa relação do caos com a ordem não se dá de forma direta. A mediação está institucionalizada na Igreja - Esposa de Cristo. É ela que vigia e distribui a salvação através de regras de conduta e verdades inquestionáveis por meio de representações e discursos sem interlocutor. Daí ser a celebração um momento fundamental do cotidiano, pois é nela que Deus fala e inspira os escolhidos a aconselharem os fiéis.

Dessa forma, para BONI,

"cria-se um clima de cristandade, onde a participação maciça dos fiéis nas cerimônias de vida religiosa, a freqüência aos sacramentos e a internalização de um código de ética católica faziam recordar os períodos áureos da igreja medieval. Num clima como este os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a formar-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores sociais e normas sagradas"⁸.

Resta-nos perceber como esses "valores sociais", frutos do consenso entre razão e inteligência, se imbricam na hierarquia da produção e das decisões, ou seja, como é que a ordem do social se concatena com estas representações.

⁷ HELLER, Agnes. Op. Cit. p.18.

⁸ BONI, L. de. O Catolicismo da Imigração: Do Triunfo à Crise. In: *Rs: Imigração e Colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. p.242.

Da Religiosidade Privada ao Poder Público.

A Vila de Campo Bonito, de acordo com a última constituição, desmembrou-se juntamente com outros municípios. Apesar da laboriosidade exaltada como valor cultural e educacional, que foi se caracterizando como uma contribuição específica do imigrante ítalo-germânico na constituição do município, se reconhece que,

"Campo Bonito é um município potencialmente rico, mas com uma população extremamente pobre. De um lado estão médias e grandes propriedades rurais, de outro centenas de bóias-frias e pequenos arrendatários que o processo de latifúndio inaugurado naquela região há mais de uma década jogou na miséria".⁹

O município conta hoje com 6.800 habitantes, sendo que na década de 70, esse número era acrescido em 40% aproximadamente, segundo dados do cartório eleitoral. Essa redução está ligada à asfixia econômica causada, de um lado pelo encerramento das atividades da empresa Agrinco que, no auge da produção cafeeira no Vale do Piquiri, contava com uma mão-de-obra calculada entre dois mil e quinhentos a três mil funcionários, e de outro, pelo processo de expansão capitalista no campo, financiando grãos, implementos, fertilizantes e agrotóxicos, causando a concentração da propriedade e da renda, em detrimento dos pequenos proprietários, meeiros e volantes.

Esse processo ativou o êxodo rural. Várias famílias sem perspectivas "desenraizaram-se," migrando para regiões alternativas como Rondônia e Mato Grosso ou até para fora do país, engrossando a categoria de "brasiguaios". Nesse processo de transposição de mão-de-obra, empresas especializadas se constituíram, como é o caso da Colonizadora Vila Rica, que nas décadas de 70 e 80 adquiriu grandes áreas de terra e procedia ao transporte "gratuito" e assentamentos autônomos, desses agricultores. É a partir dessas características que se desenha o recém criado Município de Campo Bonito.

Para exercício do primeiro mandato foi eleito um empresário rural. "Um homem de bem", diz um morador. "Um homem honrado, trabalhador e honesto". O prefeito é o

⁹ Revista Oeste. Pub. Mensal - Cascavel-PR. Ano IV, outubro, nº 32, p.42.

maior empregador de mão-de-obra do município. Possui uma serraria e algumas reservas para extração de madeira, fazendas de gado e alguns hectares mecanizados, implementos e transporte próprios.

"Ele é um líder comunitário. Está sempre presente nas comissões da igreja, seja para a organização das festas, para arrecadar prendas ou assar carne. Com a juventude então! Sempre está nos torneios de futebol; quase sempre é o juiz. É um homem de boa família. Nunca se ouviu um quê a seu respeito."¹⁰

Nessas representações podem ser auscultados aqueles "valores sociais" da cultura imigrante, primeiramente no plano material - labor e virtude, e no plano espiritual, caridoso, de boa índole, de família cristã. É notável a aproximação da prosperidade da vida privada às representações, fazendo fluir a riqueza como resultado da graça e da laboriosidade como um meio agradável a Deus. Em outras palavras, uma aproximação clara da ética ao Espírito do Capitalismo, retratado por WEBER. Segundo ele,

"a utilização de uma vocação, e sua conseqüente aprovação por Deus, é orientada primeiramente por critérios morais e depois pela escala de importância dos bens produzidos pela 'coletividade' (...) coloca-se, porém, logo em seguida, um terceiro, e do ponto de vista prático, mais importante critério: o da lucratividade individual do empreendimento."¹¹

Enfim, estamos sugerindo neste estudo que o discurso religioso sustenta-se e sustenta a hierarquização da vida cotidiana.

É preciso perceber ainda que a aproximação da ética ao poder se dará fundamentalmente através da publicidade da vida privada. Ao circular no espaço da vida comunitária, no lazer, no comércio, nas festas e celebrações, o prefeito está dando visibilidade à sua vocação, fundamentada na sua capacidade de administrar a economia

¹⁰ Entrevista realizada em julho de 1993, com líder comunitária. (a entrevistada concordou em concedê-la desde que seu nome não fosse mencionado).

¹¹ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, tr. I de Q. F. Szmerecsángi e T. J. M. K. Szmerecsángi. São Paulo. Pioneira, 1985, p.166.

doméstica. Dessa forma, se estabelece uma relação ascendente que vai do "governo de si mesmo, que diz respeito à moralidade; a arte de governar adequadamente uma família, que diz respeito à economia; a ciência de governar o Estado, que diz respeito à política."¹²

Enfim, estas constatações nos levam a pensar que as representações religiosas se justificam nas relações hierárquicas do poder e da produção, ora sustentando, ora produzindo-as; os sujeitos, por sua vez, ora se justificam com elas, ora se apropriam delas. Dessa forma o discurso religioso se apresenta como elemento fundamental para a compreensão da tessitura do social, no Oeste do Paraná.

¹² FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, 1985, p.280.